

TRUMP, IRÃ E ISRAEL: TRÉGUA PRECÁRIA EM UMA GUERRA QUE NINGUÉM MAIS CONTROLA?

O adiamento de Trump não é paz, é uma pausa tática para converter pressão militar em vantagem diplomática; enquanto Teerã negocia para sobreviver e Israel barra qualquer reconstrução estratégica, o Estreito de Ormuz segue como o verdadeiro epicentro de uma trégua armada.

Le Diplomate*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Ao adiar por duas semanas sua ameaça de ataques maciços contra o Irã, Donald Trump não escolheu a paz. Ele escolheu um adiamento. Um adiamento para testar a força das negociações conquistadas sob pressão, para trocar uma demonstração de força por ganhos diplomáticos e para ver se Teerã está pronta para converter uma pausa militar em um acordo político.

No entanto, nessa sequência de eventos, um terceiro ator é central: Israel. Porque a crise atual não é simplesmente um impasse entre EUA e Irã. É uma guerra triangular, onde Washington busca manter a iniciativa, Teerã busca afrouxar o controle e Israel busca impedir que qualquer avanço diplomático leve à reconstrução das capacidades estratégicas do Irã.

Segundo Roland Lombardi, especialista em geopolítica do Oriente Médio e editor-chefe do *Le Diplomate Media*: “Essa sequência não marca uma desescalada, mas uma suspensão tática da escalada: Trump está protelando, e Washington quer converter a pressão militar em vantagem diplomática, enquanto Teerã busca transformar um momento de vulnerabilidade em poder de negociação. Israel, por sua vez, está garantindo que esse interlúdio diplomático não se torne uma amnésia estratégica. Em última análise, essa trégua circunstancial confirma uma constante no Oriente Médio: quando as armas se calam temporariamente, não é a paz que fala, mas muitas vezes é o equilíbrio de poder que está sendo reorganizado... antes da próxima rodada!”

O primeiro ponto a entender é que o adiamento decidido por Trump não constitui uma desescalada estratégica. O presidente americano concordou com uma pausa de duas semanas após a mediação paquistanesa, vinculando essa suspensão a uma exigência específica: a reabertura completa, imediata e segura do Estreito de Ormuz. Ao mesmo tempo, afirmou que as discussões estavam muito avançadas e que a proposta de 10 pontos do Irã poderia servir como uma base viável para um acordo. Portanto, estamos testemunhando uma diplomacia de ultimato: a força não está sendo retirada, mas mantida na reserva para obter mais por meio de negociações do que pela continuação imediata dos ataques.

Esse método é tipicamente trumpista. Baseia-se em uma sequência já clássica: maximalismo verbal, pressão extrema, ameaças de destruição e, então, uma abertura negociada. Trump nunca substitui a coerção pela diplomacia; ele subordina a diplomacia à coerção. Ao alegar que os objetivos militares americanos já foram atingidos e superados, ele apresenta a pausa não como uma retirada, mas como exploração política de um equilíbrio de poder favorável. Esta é uma interpretação estritamente realista: atacar primeiro e negociar depois, a partir de uma posição de superioridade.

UMA PAUSA TÁTICA, NÃO A PAZ

Mas o outro erro seria ver isso como uma capitulação iraniana. Teerã concordou com uma trégua de duas semanas e a abertura de negociações em Islamabad, especificando que essa pausa não significa, de forma alguma, o fim da guerra. Os alertas militares continuaram na região após o anúncio, um sinal de que a cadeia de comando iraniana não considera essa suspensão um acordo, mas um interlúdio condicional. Para a República Islâmica, o objetivo imediato é diminuir o impacto, evitar uma nova fase de ataques e reconstruir a influência política sem comprometer os pontos essenciais.

É aqui que entra a proposta iraniana de 10 pontos. Ela merece atenção especial porque

lança luz sobre a lógica de Teerã. Este plano foi considerado uma base viável, conferindo-lhe valor político imediato, embora seu conteúdo completo não tenha sido publicado em detalhes. As exigências iranianas incluem, em particular, o alívio ou a suspensão das sanções, uma retirada mais ampla das forças americanas da região, bem como uma estrutura para a gestão do Estreito de Ormuz e garantias de segurança mais abrangentes. Em outras palavras, o Irã não está simplesmente negociando uma suspensão dos ataques; busca ampliar a discussão para abranger toda a disputa estratégica com Washington.

OS DEZ PONTOS DE TEERÃ: AMPLIAR A NEGOCIAÇÃO PARA EVITAR SER SUBJUGADO PELO EQUILÍBRIO DE PODER

Este ponto é crucial. Uma potência sob pressão sempre busca evitar que as negociações se tornem uma mera formalidade de sua derrota. Ao propor 10 pontos, Teerã tenta deslocar o centro de gravidade da crise: de uma vulnerabilidade militar temporária para a reabertura de um debate mais amplo sobre sanções, segurança regional, a presença militar americana e seu próprio lugar na ordem do Oriente Médio. Esta é uma tática defensiva no campo de batalha, mas ofensiva na frente diplomática. O Irã está tentando converter sua capacidade remanescente de causar perturbações em moeda de troca.

Israel ocupa uma posição decisiva nessa estratégia. O conflito atual começou com ataques coordenados entre Estados Unidos e Israel contra o Irã. Israel aceitou a trégua de duas semanas, mas em um contexto de grande incerteza, já que ataques e alertas continuaram logo após o anúncio. Isso diz muito sobre a posição israelense: o Estado judeu pode aceitar uma pausa tática, mas não tem interesse em negociações que permitam a Teerã se desvencilhar do conflito, preservando o núcleo de suas capacidades militares, nucleares, balísticas ou regionais. Para Israel, o verdadeiro perigo não é apenas a guerra; é uma paz incompleta que permitiria ao Irã se reconstruir.

ISRAEL, VARIÁVEL CENTRAL E RESTRIÇÃO PERMANENTE

É por isso que a variável israelense é essencial para qualquer compreensão realista da crise. Washington pode buscar um acordo temporário para evitar uma escalada regional, uma crise energética e o custo político de uma guerra prolongada. Israel, no entanto, opera em uma escala de tempo diferente. Seu objetivo não é meramente a estabilização imediata, mas a neutralização duradoura da ameaça iraniana. Consequentemente, qualquer solução diplomática que não aborde seriamente a capacidade de Teerã de causar danos seria percebida em Jerusalém não como uma saída, mas como uma concessão de trégua ao

adversário. Este é o dilema clássico entre o aliado global, que administra os amplos equilíbrios, e o aliado regional, que vivencia a ameaça como existencial.

O verdadeiro epicentro da crise, no entanto, continua sendo o Estreito de Ormuz. A pausa americana está condicionada à sua reabertura, enquanto o Irã declarou sua disposição de permitir a passagem temporária sob seu próprio controle militar. Este ponto está longe de ser meramente técnico. Ormuz, por si só, engloba os interesses energéticos globais, a credibilidade americana no Golfo e a capacidade do Irã de impor um custo sistêmico a seus adversários. Para Washington, reabrir o estreito significa restaurar a liberdade de navegação e tranquilizar aliados e mercados. Para Teerã, manter a influência sobre essa passagem serve como um lembrete de que nenhuma arquitetura regional pode funcionar contra ela ou sem ela.

ORMUZ: O VERDADEIRO EPICENTRO

O anúncio do cessar-fogo de duas semanas provocou uma queda acentuada no preço do petróleo bruto americano, evidenciando que os investidores inicialmente interpretaram o evento como uma redução do risco energético. Esta é uma realidade fundamental do Oriente Médio: por trás da retórica ideológica, o fator decisivo continua sendo o fluxo de recursos, estreitos, bases, capacidades de ataque e equilíbrio de poder. Posições morais importam na comunicação; interesses materiais ditam a estratégia.

Neste caso, o Paquistão atua menos como mediador da paz do que como facilitador de transações. Islamabad desempenhou um papel significativo na garantia dessa pausa. Esse papel é lógico. Para Washington, o canal paquistanês permite negociações sem parecer uma retirada direta diante do Irã. Para Teerã, Islamabad oferece uma estrutura politicamente menos humilhante do que um confronto direto orquestrado pelo Ocidente ou por certas monarquias do Golfo. Realisticamente falando, o Paquistão não está impondo nada; apenas torna possível uma suspensão temporária das hostilidades, fornecendo um cenário diplomático aceitável para todos.

ISLAMABAD: CENÁRIO DIPLOMÁTICO, NÃO A PAZ

Em última análise, essa sequência diz uma coisa simples: nem Washington, nem Teerã, nem mesmo Israel têm qualquer interesse, neste exato momento, na escalada descontrolada da guerra. Os Estados Unidos querem evitar um conflito regional mais amplo, uma alta sustentada nos preços da energia e a desestabilização do Golfo. O Irã quer evitar o desgaste militar que ameaçaria a resiliência do regime. Israel, apesar de sua lógica de segurança de

longo prazo, também sabe que uma guerra prolongada acarreta custos militares, políticos e humanos consideráveis. Se esses atores estão aceitando uma pausa hoje, não é porque confiam uns nos outros, mas porque todos temem uma escalada que não seriam mais capazes de controlar totalmente.

Devemos, portanto, resistir às ilusões. A trégua de duas semanas não é um ponto de virada histórico nem uma paz em construção. É um teste. Um teste de credibilidade para Trump, que quer demonstrar que a ameaça está produzindo resultados. Um teste de resiliência para Teerã, que busca ganhar tempo sem abandonar suas linhas vermelhas. E, finalmente, um teste de coesão para o eixo EUA-Israel, já que uma divergência de prioridades pode surgir entre Washington, tentado por uma saída negociada, e Israel, determinado a impedir qualquer reconstituição do poder iraniano.

UMA TRÉGUA ARMADA, NÃO UM ACORDO

A conclusão é clara: a pausa atual não apaga nada. Não elimina nem a rivalidade estratégica entre os Estados Unidos e o Irã, nem a hostilidade estrutural entre Israel e a República Islâmica. Ela apenas suspende, por alguns dias, a lógica da escalada para que cada lado possa tentar melhorar sua posição política. No Oriente Médio, as tréguas raramente são o fim das guerras. Elas são, na maioria das vezes, tréguas em um conflito mais profundo, onde a diplomacia não elimina o equilíbrio de poder, mas lhe dá uma forma diferente. É exatamente isso que vemos hoje: não a paz, mas a continuação da guerra por meios momentaneamente mais sutis.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

****Le Diplomate** é um site de notícias, uma revista geopolítica e uma publicação de análise estratégica lançado depois da invasão da Ucrânia pela Rússia. Prioriza o envolvimento de especialistas, como ex-diplomatas, oficiais de inteligência, professores, pesquisadores, atores geopolíticos e especialistas em questões socioeconômicas, políticas, geoestratégicas, energéticas, tecnológicas, militares, científicas e culturais. Suas análises enfatizam questões relacionadas ao Oriente Médio, às relações Rússia-Occidente e China-Occidente, ao mundo multipolar e às ameaças emergentes, com o objetivo de fornecer informações especializadas e análises aprofundadas.*
